

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FIDELIDADE DE
TO. A...
SUJEITO A...
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

"OS TEATREIROS"

peça infantil de Luiz Arthur Nunes



NARA : (saindo da cortina fechada) Ôi, pes oai! Eu me chamo Nara e estou aqui com uma porção de amigos meus pra fazer teatro pra vocês. Nós somos uma turma chamada "OS TEATREIROS" e gostamos muito de representar pras crianças. Mas o que é que é representar? O que é que é fazer teatro? Bom, é mais ou menos como brincar de faz-de-conta. Na verdade, teatro é faz-de-conta. Então nós, OS TEATREIROS, vamos fazer de conta que somos bichos, fadas, reis, bruxas, flores, enfim, uma porção de personagens maravilhosos vivendo estórias incríveis que, eu tenho certeza, vocês vão adorar. Mas chega de papo e vamos começar com a primeira estória. (Vira-se e dá de cara com a cortina fechada). Opa! mas que mancada a minha! Antes de mais nada, temos que abrir a cortina. Como é que vocês vão ver a peça se a cortina estiver fechada? (Chama:) Peninha!

PENINHA: Ôi!

NARA : Pessoal, este aqui é o Peninha, o nosso contra-regra. Pena, explica pras crianças o que é que faz um contra-regra no teatro?

PENA: Bom, o contra-regra é o cara que abre a cortina, fecha a cortina, arruma o palco... Ele também... abre a cortina, fecha a cortina, arruma o palco... o que é mais que ele faz? (pensa) Ah, o contra-regra está encarregado também de abrir a cortina, fechar a cortina, arrumar o palco

NARA: (Impacientando-se) Peninha, você já está repetindo as coisas.

PENA: É? Bom, deixa só eu acrescentar um negocinho que eu esqueci: uma outra tarefa do contra-regra é abrir a cortina, fechar a cortina, arrumar o palco... (Nara repete junto).

NARA: Pena, eu acho que as crianças já entenderam qual é a função do contra-regra.

PENA: Você acha?

NARA: Não só acho, como tenho certeza. Quer ver? Pessoal, o que é que o contra-regra faz?



TODOS : Abre a cortina, fecha a cortina, arruma o palco!

NARA (triumfante) : Viu?

PENA : Puxa! Como vocês aprenderam depressa-! Agora, só tem uma coisinha que não deu tempo de explicar: que o contra-regro é o cara que abre a cortina, fecha a cortina e arruma o palco. (A voz vai diminuindo ante o olhar furibundo de Nara).
Bom, eu vou abrir a cortina pr'a vocês começarem o espetáculo. Tchazinho!

NARA: Tchau! Esse Peninha é de morte! Bom, gente, um último deta-lhe antes de começar a representação. Eu quero apresentar vocês aos meus amigos : OS TEATREIROS! (Abre-se a cortina. Estão todos dormindo) Xi! Eles estão todos dormindo! (Vai até eles)Acordem! Ei, pessoal, acordem, que nós temos que representar! E agora? Prometi uma estória, vocês aí esperando e o pessoal dormindo desse jeito! Já sei! Eu tenho um amigo que é músico e se chama Beleléu. Ele sempre tem idéias geniais e é bem capaz de descobrir uma maneira para acordar essa gente preguiçosa. Vou já falar com ele. (Vai até Beleléu) Beleléu... (Beleléu está absorto no som de um instrumento), Beleléu, eu estou ~~XXXXXX~~ com um problema, você tem que me ajudar.

BELELÉU: Problema? Que problema?

NARA : Está na hora da gente representar e o pessoal está dormindo. ~~Mejã!~~ (Vão até eles)

BELELÉU: Ué! Acorda eles!

NARA : Eu já tentei várias vezes e não consegui nada. O que é que eu faço, Beleléu? (Beleléu tenta em vão acordá-los)

BELELÉU: Espera. Eu acho que tenho o que você precisa. (Sai e volta com um prato de bateria que estende a Nara.)



NARA : O que é isso? Não dá choque?

BELE : Não. Segura firme. (Bate. Todos acordam;)

NARA : Obai! Deu certo! Obrigada, amigo Beleléu. Agora então, posso começar as apresentações. Este aqui é... (Todos se adiantam querendo ser apresentados primeiro).

NARA: Mandrake! (Todos estatizam). Aha! Agora sim vou poder fazer a apresentação. (Indo de um em um) Este é o Guto, esta é a Pilu, este é o Careca e este é o Luiz. Agora então vamos começar a estória. Vamos lá pessoal! Xi! Eles estão paralizados! Espera aí! Tem uma palavra mágica que desfaz o efeito do Mandrake. Eu sei que tem! (Pensa) Droga! Mas eu não consigo me lembrar que palavra é essa. Bem, acho que vou ter que apelar pro Beleléu de novo! (Chama) Beleléu, vem cá e traz o prato!

BELELÉU: O quê? Dormiram de novo?

NARA : Não, é que eu falei MANDRAKE , eles ficaram paralizados e agora eu não consigo me lembrar da palavra mágica que tira o efeito. Você conhece essa palavra?

BELELÉU: Não, não conheço.

NARA: Será então que a gente não podia experimentar o seu prato de novo?

BELE : Bom, não custa tentar. (Toca o prato e todos continuam imóveis) Espera aí, que eu tenho uma idéia melhor! (Volta tocando sininhos. O pessoal acorda.)

NARA : Grande, Beleléu! Até que enfim vamos poder começar o espetáculo. Que estória nós vamos contar pras crianças?

PILY : Que tal "A Raposa e as Uvas" ?



PILY : Quem sabe a Branca de Neve?

CARECA : Ah, eu queria uma estória que tivesse bichos. Eu acho um barba-
to representar animais no teatro.

GUTO : Eu tenho uma idéia melhor!

BELELÉU : Qual é?

GUTO : Uma estória com bichos transando com gente!

PILY : Isso mesmo! Uma estória com seres humanos, cujo personagem prin-
cipal seja um bicho!

TODOS : (Exclamações de aprovação)

BELELÉU : E que bicho vai ser?

TODOS : (Mil sugestões)

CARECA : Espera, espera aí. nós vamos ficar discutindo meia hora e não
vamos chegar a uma conclusão. Eu tenho uma sugestão mais rápi-
da.

GUTO : Eu já sei. Um sorteio!

CARECA : Fezou, bicho.

GUTO : Então vamos lá. Cada um escreve num papelzinho a sua sugetão.
Eu faço o sorteio. Atenção, o bicho é ...GANSO!

CARECA : Oba! É o meu!

PILY : Eu também escolhi um ganso!

BELELÉU : E eu idem!

GUTO : E eu idem com fritas!

NARA : E eu idem com fritas, maionese, ketchup, marshmellow, champignon
Era proque tinha que se ganso mesmo!

PILY : Então pessoal, vamos lá, mãos à obra!

CARECA : Esta estória começa há muitos anos atrás, num reino
muito distante, governado por um rei e uma rainha muito
ricos e poderosos. Mas eles não eram completamente felizes.
Faltava-lhes a coisa que eles mais desejavam: ter um filho,
um herdeiro. Eles já haviam tentado tudo: consultaram os
médicos mais célebres, os magos mais poderosos, e de nada
havia adiantado. A tristeza da rainha aumentava dia a dia.
Vamos dar uma espiada pelas janelas dos aposentos reais para ver



o que ela está fazendo.

(A Rainha borda. Solta o bordado e embala um filho imaginário. Chega o Rei. A Rainha põe-se a chorar.)

REI : Não chores assim, minha rainha. Já que o céu não nos concedeu a felicidade de termos um filho, vou levar-te para conhecer o mundo. Precisar te distrair e esquecer a tua mágoa.

CARECA : E os dois saíram a viajar pelos países mais distantes e pitorescos. Visitaram as pirâmides do Egito, os jardins suspensos da Babilônia e a grande muralha da China. A Rainha não conseguia se distrair, sempre pensando no filho que não podia ter, mas escondia do Rei a sua tristeza. Mas um dia, passeando por um jardim na cidade de Bérghamo, pela primeira vez ela viu uma coisa que a impressionou de verdade: no meio de um canteiro de rosas vermelhas, havia nascido uma rosa inteiramente negra.

(A Rainha aproxima-se da rosa)

A Rainha não costumava colher flores. Achava que as flores deviam ficar em seus galhos, em vez de morrerem lentamente dentro dos vasos, só para satisfazer a vaidade dos homens. Mas essa rosa negra era tão estranha, e se desprendia dela um encanto tão forte, que a Rainha desejou ardentemente possuí-la.

(A Rainha colhe a rosa. Surge o Espírito da Rosa Negra)

ESPÍRITO : Acabas de cometer um crime horrível. Mataste a única rosa negra do mundo. Serás castigada por isso.

RAINHA : E que castigo será?

ESPÍRITO : Saberás... saberás...saberás... (Desaparece)

CARECA : A Rainha ficou terrivelmente preocupada, mas não contou nada ao marido. Um Mês depois, estavam de volta à sua terra, e a Rainha foi esquecendo a estória da rosa e não pensou mais no assunto. A razão que a fez esquecer mais depressa foi que finalmente, depois de muito esperar, ela ia ganhar um bebê. Quando o bebê chegou - era uma menina - houve grande festa no reino. Embaixadores de todos os países foram prestar a sua homenagem à recém-nascida. E como padrinho, foi escolhido um mago muito poderoso.

MAGO : (Para a menina) Três dons, princesinha, eu te concedo: a sabedoria, a beleza...

ESPÍRITO DA ROSA NEGRA : (Surgindo de repente) Chegou a hora do castigo. Esta criança jamais sorrirá! (Desaparece)



- MAGO : Rainha, quis o destino que o meu terceiro dom ainda não tivesse sido pronunciado, Portanto, não te desespere. A Princesinha será libertada dessa maldição, daqui a muitos anos, por um animal dos mais humildes, que vive perto da terra, das plantas e da água.
- CARECA : E os anos se passaram e a Princesinha se transformou numa moça cheia de qualidades. Tudo seria perfeito, se não fosse o encantamento do Espírito da Rosa Negra. Com efeito, desde que nascera, a Princesinha nunca havia dado uma gargalhada, um risinho, um sorriso que fosse. Vivia com o rosto sério, grave, e os olhos velados de tristeza
- PRINCESINHA : Quem me vê, vestida de seda
Sentada em meu trono de ouro e marfim
Mal sabe a tristeza, a dor infinita
Esse mal que mora cá dentro de mim;
Quem me vê coberta de jóias
Só vê aparência, não vê coração
Por isso eu suspiro, eu choro e meu pranto
Converto nas notas desta triste canção.
- CARECA : Os pais da Princesinha sofriam ainda mais do que ela, vendo-a constantemente neste estado. Um dia, não agüentando mais a situação, resolveram tomar uma atitude.
- REI : Esta situação está insustentável! Precisamos tomar uma providência!
- RAINHA : Meu coração se parte de ver a nossa menina sempre tão triste.
- REI : Tive uma idéia! Vamos oferecer um prêmio a quem conseguir fazer nossa filha sorrir.
- RAINHA : Ótima idéia! Deus queira que dê certo!
- ARAUTO : Atenção, muita atenção! Por ordem de s.M. Real, fica decretado que aquele que conseguir fazer rir a Princesinha, receberá como recompensa, quatro elefantes cor-de-rosa carregados de pedras preciosas.
- PILY : Assim ocorreu gente de todos os confins do reino, na esperança de ganhar a recompensa prometida. Apareceram as pessoas mais feias das redondezas, fazendo as caretas mais esquisitas.
- (Um grupo faz caretas. A Princesa suspira, tristonha)
- De nada adiantaram as caretas. De um reino vizinho, veio um indivíduo considerado o maior contador de piadas do universo.



(A PRINCESA CONTINUA TRISTE)

PILY : Mas a Princesinha continuava triste. Seus pais já estavam perdendo as esperanças, quando se apresentou no castelo um indivíduo originário das Arábias, gabando-se de possuir a coisa mais extraordinária do mundo: uma vaca bailarina!

(A Princesa continua triste)

PILY : Enquanto isso, numa cabana da floresta, viviam três irmãos lenhadores. O mais moço era conhecido como Toninho Fagulha, porque gostava de passar horas remexendo no fogo da lareira para ver saltar fagulhas. Por seu temperamento pensativo e sonhador, ele era desprezado pelos irmãos mais velhos, que viviam fazendo troça dele.

1º IRMÃO : Tchau pra vocês!

2º IRMÃO : Ué, aonde é que você vai?

1º IRMÃO : Vou ao palácio tentar fazer a Princesa sorrir. E garanto que vou conseguir.

2º IRMÃO : Duvido.

PILY : Algumas horas depois...

(Volta o 1º Irmão, cabisbaixo)

2º IRMÃO : Ué, o que foi que aconteceu?

1º IRMÃO : Não deu certo.

2º IRMÃO : Bom, então vou eu agora.

1º IRMÃO : Você? Se eu que sou eu não consegui, você, que é você, vai ter mais sorte do que eu?

2º IRMÃO : Você que é você não conseguiu, mas eu, que sou mais eu, vou conseguir. E é por isso que eu vou lá, e lá vou eu e vou eu lá... (Sai)

PILY : Mas este também não foi muito feliz.

2º IRMÃO : Mas a Princesa é uma múmia! Não ri de jeito nenhum!

1º IRMÃO : Eu não te falei?

TONINHO : Acho que eu vou tentar.

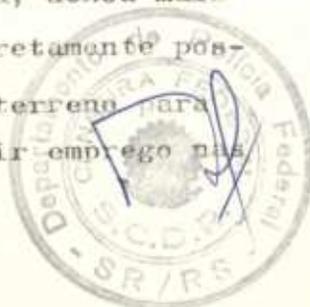
OS DOIS : Você? Mas quem pensa você que é?

2º IRMÃO : Com esta cara de imbecil!

1º IRMÃO : Com essa cara de imbecil, ele é até capaz de fazer a Princesa rir!

OS DOIS : Então vai, vai mesmo!

PILY : E`assim Toninho Fagulha não deu bola pras gozações dos irmãos e resolveu tentar a sua sorte também. Mas como ele era muito esperto, em vez de ir direto à Princesa, achou mais prudente começar a se introduzir o mais discretamente possível no castelo para, aos poucos, preparar terreno para se aproximar da Princesa. Resolveu então pedir emprego nas cozinhas reais.



TONINHO : Bom dia. $\text{\textcircled{g}}$ sra. é a Cozinheira-chefe das cozinhas reais?
COZINHEIRA : Sim, sou eu mesmo.
TONINHO : Seu cozinheiro, eu estou precisando de um emprego. Não teria uma vaguinha aí na cozinha pra mim?
COZIN. : E o que é que o sr. sabe fazer?
TONINHO : Bem, eu sou lenhador de ofício e profissão. Eu sei cortar lenha, serrar lenha, rachar lenha e empilhar lenha. Eu posso fornecer toda a lenha necessária para a cozinha.
COZIN. : Hum... o sr. é lenhador? E como é o seu nome?
TONINHO : Meu nome é Toninho Fagulha
COZIN. : Me diga aqui, sr. Toninho Faguinha: além de cortar lenha, rachar lenha, serrar lenha e empilhar lenha, que por sinal, é um ofício nobilíssimo, o que mais o sr. sabe fazer?
TONINHO : Bom, lá em casa eu só fazia isso.
COZIN. : Mas... por acaso, o sr. sabe.... limpar chaminés?
TONINHO : Não.
COZIN. : Deixa ver... Pintar paredes?
TONINHO : Não.
COZIN. : Pregiar botões?
TONINHO : Não.
COZIN. : Então nada feito, Lenhador nós já temos. Mas, quem sabe se o sr. pensar mais um pouco, o sr. descobre alguma outra coisa que saiba fazer?
TONINHO : Bom... eu sei pescar. O pessoal lá em casa diz que eu dou muita sorte na pesca.
COZIN. : Pescar?!
TONINHO : Sim.
COZIN. : Seu Toninho, eu sou louco por peixe. Peixe de qualquer jeito: peixe com ervilha, peixe com batata, peixe com amendoim, peixe caramelado, peixe com peixe...
TONINHO : Então eu posso fornecer peixe para a sra.
COZIN. : Que maravilha, seu Toninho!
TONINHO : Então quer dizer que eu estou empregado?
COZIN. : Claro, seu Toninho, e eu vou já lhe dar a sua primeira tarefa.
TONINHO : Já sei! Pescar um douradinho pra o sr.
COZIN. : Não, neste exato momento, não é um douradinho que me apetece.
TONINHO : Um bagre, então.
COZIN. : Não. bagre não. Ah, já sei. Eu estou com uma vontade louca de comer... torta de maçã.
TONINHO : Torta de maçã?
COZIN. : Sim. O sr. sabe colher maçãs?
TONINHO : Claro, quem é que não sabe?



- COZIN. + Alé que o sr. se engana. Para colher maçãs para esta torta, existe uma técnica toda especial.
- TONINHO : E como é?
- COZIN : Primeiro, pega-se uma cestinha com a mão esquerda. Com a mão direita "sob" a maçã e é só dar um leve puxãozinho. Assim. (Repetem algumas vezes o movimento) Muito bem, seu Toninho. Pode ir!
- TONINHO : Vou e volto num minuto. Até logo seu Cozinheiro!
- COZIN. : Até logo, seu Toninho. Ah, eu sou louco por peixe...
- PILY : E Toninho se foi, lépido e fagueiro, cumprir a sua primeira tarefa de auxiliar do Cozinheiro-chefe das cozinhas reais. Mas ele era mesmo um rapaz de muita sorte. Adivinhem quem ele encontrou no pomar!
- PRINCESA : (Cantando) Quem me vê etc.
- TONINHO : (Cantando) Quem te vê, coberta de jóias
Chorando e cantando essa triste canção
Mal sabe a alegria, a alegria escondida
Que mora secreta em teu coração.
- PRINCESA : Quem é você?
- TONINHO : Eu sou Toninho Fagulha, 1º Auxiliar do Cozinheiro-chefe das Cozinhas Reais.
- PRINCESA : Sente aqui, Toninho. E me diga uma coisa: você acha realmente que existe uma alegria secreta no meu coração?
- TONINHO : Claro! Todo o mundo tem uma reserva de alegria no peito. Se não fosse isso, se a vida fosse só tristeza, não valeria à pena viver.
- PRINCESA : Às vezes, quando eu vejo um passarinho cantar, ou como um doce bem doce, eu sinto bem fraquinha, lá no fundo, uma fagulhazinha de alegria que se acende em meu peito.
- TONINHO : E então?
- PRINCESA : Ela morre em seguida, e o meu coração volta a ficar ~~XXXXX~~ frio.
- TONINHO : E por que isso?
- PRINCESA : Quando eu nasci, o Espírito da Rosa Negra lançou sobre mim um encantamento. Eu jamais poderei sorrir.
- TONINHO : Não é possível. Ninguém pode viver sem sorrir. Deve haver um jeito!
- PRINCESA : Eu não sei. O Mago, meu padrinho, profetizou que eu seria salva por um humilde animal.
- TONINHO : Que animal é esse?
- PRINCESA : Se eu soubesse... Mas já perdi as esperanças.
- TONINHO : Não desanime, princesa. Eu vou ajudá-la a encontrar esse animal. Você vai ver. Confie em mim! (Os dois cantam)



- GUTO : Toninho e a Princesa passaram a se encontrar todos os dias dias no pomar, e aos poucos, foi nascendo um afeto muito grande entre os dois. Os momentos que passavam juntos eram sempre muito agradáveis.
- PILY : Toninho aparecia cada dia com um animal diferente; uma vez era um macaquinho, outra vez era um pinto, um pato, um cabrito, na esperança de que um deles fizesse a princesa sorrir. Mas seus esforços eram em vão. Um dia, Toninho recebeu ordem do Cozinheiro-chefe de ir pescar no regato. Chegando lá, encontrou dorimindo, paradinho dentro d'água, um peixe enorme. Toninho só teve o trabalho de estender a mão e pronto! Estava no papo.
- TONINHO : Puxa! Que baita peixão. Quando eu mostrar ele pro Cozinheiro-chefe, garanto que ele até vai me dar um aumento.
- VELHA : Dá licença, meu filho?
- TONINHO : Bom dia, vovó, o que é que a sra. deseja?
- VELHA : Como é o seu nome?
- TONINHO : Toninho Fagulha, às suas ordens. Sou o 1º auxiliar do Cozinheiro-chefe do Palácio.
- VELHA : Muito prazer, seu Toninho Centelha.
- TONINHO : Fagulha.
- VELHA : Fagulha, desculpe. Muito prazer. Meu nome é Hermenegilda Figueiroa. Mas pode me chamar de Hermenê.
- TONINHO : Muito prazer, D. Hermenê.
- VELHA : Sabe, seu Chispinha...
- TONINHO : Fagulha.
- VELHA : Fagulha. Sabe, eu estava aperfeiçoando ali de longe, e vi que o sr. pescou um peixe tão bonito... e como eu adoro peixe...
- TONINHO : É mesmo? Que coincidência! O Cozinheiro-chefe, meu patrão, também é louco por peixe...
- VELHA : Ai, eu sou louquinha, digo, louquinha por peixe! De qualquer jeito: peixe com maionese, peixe com tomate, peixe acebolado, peixe com peixe... Escuta aqui, meu filho, você não quer fazer um negócio comigo?
- TONINHO : Que negócio, vovó?
- VELHA : Trocar esse seu peixe pelo meu ganso.
- TONINHO : Ganso? que ganso?
- VELHA : Já vou lhe mostrar. Agenor! (Entra o ganso) Este aqui é o Agenor. Não é uma gracinha?
- TONINHO : Não há dúvida que pe um ganso muito bonito. Mas sinto, muito, não vou poder fazer negócio com a sra.
- VELHA : Ah, não diga isso, meu filho, por quê ?
- TONINHO : Porque o meu peixe é um peixe extraordinário.



ganso é um ganso comum.

VELHA : Mas nem diga uma coisa dessas! O Agenor não é absolutamente um ganso comum!

TONINHO : Ah é? E o que é que ele tem de especial?

VELHA : Ele é um ganso mágico!

TONINHO : Mágico?

VELHA : Sim! A pessoa que tocar nele fica grudada e por nada desse mundo consegue se desgrudar.

TONINHO : Ah, não acredito. (Experimenta) Viu? Não aconteceu nada.

VELHA : É que falta a palavra mágica pra dar certo.

TONINHO : E qual é a palavra mágica?

VELHA : É : engancha no gancho. Não, querdizer, engansa no ganso... Ou melhor : engansa no gancho... Não: engancha no ganso!

TONINHO : Engancha no ganso? Eu não acredito.

VELHA : Quer experimentar, seu Brásinha?

TONINHO : Fagulha.

VELHA : Fagulha.

TONINHO : Quero sim, mas acho que a sra. tá me gozando.

VELHA : Não estou, não. Segure no Agenor que eu vou lhe mostrar. (Toninho segura) Engancha no gancho! (Atrapalha-se novamente, mas afinal acerta e Toninho fica grudado)

TONINHO : Incrível! Funciona mesmo!

VELHA : Eu não falei? E agora, topa o negócio?

TONINHO : Claro que topo! Mas como é que faz pra desgrudar.

VELHA : Ah, tem uma outra palavra mágica.

TONINHO : Qual é?

VELHA : Pera aí, deixa eu recorrer às minhas memórias... É... desengancha do gancho ... (atrapalha-se novamente, mas afinal acerta) desengancha do ganso!

TONINHO : Fantástico. Pode passar pra cá o Agenor.

VELHA : Calma aí! Me alcança primeiro o peixe, que eu não posso me abaixar.

TONINHO : Tá aqui, vovó.

VELHA : Obrigadinha. Ai, que peixe lindo! Que maravilha! Adeus, digo, adeusinho, seu Toninho Chispa.

TONINHO : Fagulha!

VELHA : Fagulha. Ai, eu adoro peixe! (sai)

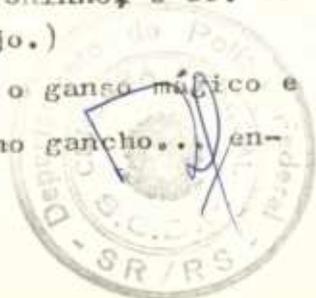
TONINHO : Tchau, vovó! Esse ganso vale uma fortuna! Vamos lá, Agenor! (Sai assoviando. Numa volta do caminho, encontra a Grã-fina.)

GRÃ-FINA : Que ganso mais lindo! Que maravilha! Que plumagem d'acía! Perfeito para um acolchoado!

TONINHO : O quê?!

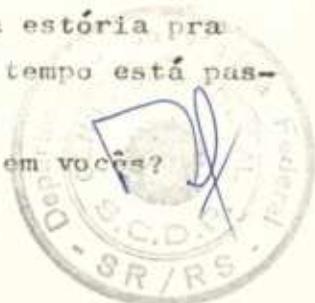


- GRÃ-FINA : Um acolchoado de plumas de ganso. Tão fofo, tão macio... Quanto o sr. quer pelo ganso?
- TONINHO : Ele não está à venda, dona. Muito menos pra fazer acolchoado!
- GRÃ-FINA : Ora, seu impertinente! Saiba que eu sou riquíssima! Posso pah, digo, pagar o que você pedir. Esse ganso tem de ser meu! (segura o ganso)
- TONINHO : Engancha no ganso!
- GRÃ-FINA : O que é isso? Fiquei presa! Me solte! (Toninho sai assoviando e puxando os dois. De repente, pára.) Xi! O Cozinheiro-chefe vai ficar furioso se eu não levar um peixe pra ele! Vou voltar ao regato pra ver se pesco um outro. Esperem aqui, que eu já volto.
- GRÃ-FINA : Ei! Não me deixe aqui sozinha! Preciso ir pra casa! Socorro!
- LADRÃO : (Entrando) Um ganso! Uma grã-fina!
- GRÃ-FINA : Ai! um ladrão!
- LADRÃO : Uma bolsa! Hoje é o meu dia de sorte! Mãos ao alto!
- GRÃ-FINA : Não posso, seu ladrão. Estou grudada no ganso!
- LADRÃO : Grudada? Ótimo! Então vamos à bolsa.
- GRÃ-FINA : Socorro! Polícia!
- TONINHO : (Chegando) Que azar! Não encontrei nem um peixe! (Vê a cena) O que é isso? Um ladrão! Engancha no ganso!
- LADRÃO : Mas o que é que está acontecendo? Não consigo desgrudar! (Toninho sai, puxando a fila. Chega às Cozinhas Reais.)
- COZINHEIRO : Isso são horas, seu Toninho?
- TONINHO : Me desculpe, seu Cozinheiro, Mas aconteceram uns probleminhas...
- COZINHEIRO : Não tem desculpa. E o meu peixe? O sr. não pescou nenhum peixe, seu Toninho?
- TONINHO : Pesquei, sim, um peixe enorme! Mas troquei por esse ganso...
- COZINHEIRO : Ganso? Que ganso? Eu detesto ganso, seu Toninho! Eu tenho pavor, horror, nojo de ganso! Eu quero o meu peixe, seu Toninho! Eu exijo o meu peixe! Seu Toninho, o sr. está despedido!
- TONINHO : Mas seu Cozinheiro!
- COZINHEIRO : Não tem mas nem meio mas! O sr. está despedido! Saia já daqui! Fora da minha cozinha! E fora com esse ganso nojento! e fora com essa grã-fina! E fora com esse ladrão! Sumam daqui! Desapareçam da minha cozinha!
- TONINHO : Engancha no ganso!
- COZINHEIRO : Seu Toninho, que bruxaria é essa? Seu Toninho, o sr. está despedido! (Toninho sai puxando o cortejo.)
- CARECA : (Todos param.) Então, Toninho Fagulha, o ganso mágico e toda aquela gente esquisita enganchada no gancho... en-



gansada... no gancho...

- TODOS : Enganchada no ganso!
- TONINHO : Obrigado, digo, obrigado. Enganchada no ganso, seguiram andando até passarem diante dos jardins do palácio, onde se encontrava - adivinhem quem? - a Princesinha. (A Princesa vê o cortejo e começa a rir.)
- TONINHO : Olhem ! A Princesa está sorrindo. (Exclamações gerais.)
- PRINCESA : Toninho! Você conseguiu quebrar o encanto! Eu posso sorrir, afinal! Que bom, meu Deus, eu posso sorrir!
- TONINHO : Eu não lhe disse que ia encontrar o animal que a salvaria, Princesa? Pois aí está ele. É um ganso: o Agenor.
- PRINCESA : Muito prazer, Agenor, e muito abrigada! Você é mesmo uma gracinha. (Para Toninho) Agora você vai ganhar os quatro elefantes cor-de-rosa, carregados de pedras preciosas, que meu pai prometeu.
- TONINHO : Não é isso o mais importante pra mim, Princesa. Eu só queria vê-la sorrir. (Beija-lhe a testa.)
- PRINCESA : Agora vamos contar pra todos a boa nova!
- TODOS : Ei! E nós? (Os dois cochicham)
- TONINHO E A PRINCESA : Engancha no ganso!
- TODOS : (Cantando) Assim nós vamos todos, enganchados um no outro,
Vai pra frente, vai pra trás, gira, volta e gira
mais.
Bem juntinhos, bem unidos, somos todos bons amigos.
E já que assim tem que ser, aprendamos a lição:
Que a união faz a força da mente e do coração.
(Saem)
- LUIZ : (Entra, senta-se num cubo e fica pensativo.)
- GUTO : (Chegando) Ôi, Luiz. O que é você está fazendo aí sentado? Em que é que você está pensando?
- LUIZ : (Levanta uma tabuleta: NA TERCEIRA ESTÓRIA DO ESPETÁCULO-)
- GUTO : Puxa, é mesmo! Nós prometemos três estórias pro pessoal e só fizemos duas! Como é que a gente vai fazer agora?
- NARA : Ôi Guto, ôi Luiz! Ué! Algum problema?
- GUTO : É que o espetáculo ainda não terminou. Falta contar mais uma estória. Veja: o pessoal ainda está sentado aí, esperando.
- NARA : Ai! Eu me esqueci que a gente tinha prometido contar três estórias! E agora?
- GUTO : E agora que nós temos que inventar uma outra estória pra não desapontar as crianças. E rápido, que o tempo está passando!
- ZÉ : (Entrando com Pilly) Uai, o que foi que deu em vocês?
- PILY : Ttão todos com umas caras!



- GUTO : Não vê que a gente esqueceu que ainda faltava uma estória pra terminar o espetáculo.
- CARECA : Mas então o que é que estão fazendo aí parados, em vez de pensar numa estória?
- NARA : Ai, Careca, nós estávamos parados, mas a cuca tava em movimento. Vê se põe a sua a funcionar também. (Todos pensam.)
- PILY : Já sei! Vamos abrir os cubos dos Teatrciros e ver se a gente acha algum boneco, alguma roupa, alguma coisa que nos dê uma idéia pra uma estória.
- GUTO : Boa sugestão, Pily. Vamos ver aqui no cubo do Luiz. Luiz, dá licn, digo, licença? Luiz, nós queremos dar uma olhadinha dentro do cubo. Luiz?! (Todos tentam sem sucesso: Luiz, imóvel.)
- CARECA : Não adianta, gente. Ele tá tão concentrado, pensando, que a gente vão, digo, não vai conseguir que ele nos dê atenção.
- NARA : Então vamos ter que tirar ele daí pra olhar dentro do cubo! Rapazes, tá na hora de fazer uma forcinha!
- PILY : Primeiro giramos ele assim, e agora, atenção: 1, 2 e 3! Força, rapazes! (Erguem Luiz. Nara olha dentro do cubo. Fecha-o e senta-se sobre ele.)
- NARA : Não tem lhufas no cubo!
- CARECA : Ô Nara, sai daí que nós não tamos mais agüentando com o peso do Luiz.
- NARA : Xi, desculpem. Vamos colocar o Luiz de volta.
- PILY : Puxa! E ele não se desconcentrou!
- GUTO : É, mais de que é que adianta tanta concentração! Nós continuamos sem uma segunda estória.
- NARA : Vamos ver nos outros cubos. (Examinam.)
- GUTO : Eu só achei esse guarda-dhuva, digo, guarda-chuva velho.
- PILY : E eu essa rosa de plástico.
- CARECA : Puxa vida! Agora é que nós estamos bem arranjados.
- NARA : Que é isso gente? Que falta de ânimo! Eu acho que dá pra inventar uma estória a partir desses objetos.
- CARECA : Com um guarda-chuva velho e uma rosa de plástico!
- PILY : É. Se ao menos fosse uma rosa de verdade...
- NARA : Sim, senhores, basta usar um pouca a imaginação.
- GUTO : Eu concordo com a Nara. Nós já contamos uma estória com gentes e bichos. Agora vamos contar uma com coisas, com objetos.
- PILY : Mas Guto, um objeto não se move, não é nem como um boneco, que a gente pode manipular.
- NARA : Ué? Quem é que disse que não dá para manipular um objeto?
- CARECA : Mas você já imaginou a gente escondido atrás de uma corti-



- na, mexendo com objetos duros, com tão pouco movimento, como esses?
- GUTO : Mas a gente não precisa se esconder. Fazemos tudo à vista do pessoal.
- NARA : É. Nós podemos emprestar o nosso corpo e a nossa voz aos objetos. Querem ver? Bom dia, seu guarda-chuva.
- GUTO : Bom dia, D. Rosinha. Como vai a senhora?
- NARA : Ai, não estou muito bem, não. Pequei um resfriado horrível! Acho que apanhei muito sereno esta noite.
- GUTO : Apanhou sereno? Mas como, se a sra. é uma rosa de plástico, que mora num vaso dentro de casa?
- NARA : É que a minha dona gosta tanto de mim, que ela me borrifa de água de noite, só pra eu me sentir como uma rosa de verdade.
- GUTO : A sra. não acha que a sua dona está exagerando um pouco? Borrifar uma rosa de plástico!
- NARA : Absolutamente. Sou de plástico, mas sou uma flor muito sensível. O sr., que é um casca grossa, que vive apanhando chuva e nunca se resfria, está é com inveja da minha sensibilidade. Adeusinho sr. guarda-chuva. E passe muito bem!
- GUTO : Passe bem, D. Rosa! Casca grossa! desaforo! Vejam só quem está falando! Uma rosa de plástico! Casca grossa, eu, um guarda-chuva finíssimo, com pano de seda pura! Casca grossa!
- PILY : Muito bem, gente. Foi ótima a improvisação. Acho que dá mesmo pra se transar uma estória a partir de objetos.
- NARA: E: E eu tenho uma idéia! Vamos contar a estória da rosa de plástico que queria ser uma flor de verdade.
- PILY : E do guarda-chuva que não podia se molhar porque pegava um baita resfriado!
- NARA : Grande! Então, pessoal, mãos à obra!
- TODOS : (Exclamações de aprovação.)
- GUTO : Olhem só, gente! O Luiz continua concentrado pensando.
- PILY : Será que ele ficou todo esse tempo aí se concentrando?
- NARA : Não te duvido. O Luiz quando se concentra, se concentra mesmo!
- GUTO : Vejam! Parece que ele parou de se concentrar. Está com cara de quem já chegou a uma conclusão.
- CARECA : Mas Luiz, nós já decidimos, digo, encontramos uma proposição para a segunda estória.
- LUIZ : (Mostra um cartaz : MAS A MINHA É MELHOR)
- GUTO : Como é que você sabe, se nem ouviu a nossa?
- NARA : E qual é a sua proposição?
- LUIZ : (Outro cartaz: UMA ESTÓRIA COM OBJETOS)
- NARA : Bidu. Tá legal, bicho. A tua idéia é realmente genial. Vamos contar uma estória com objetos. (Todos riem.)



- PILY : Então vamos em frente.
- NARA : Aqui está a rosa.
- GUTO : E aqui está o guarda-chuva.
- CARECA : Vamos batizá-los, então.
- PILY : Eu sugiro Marcelo Fabiano.
- NARA : Eu acho que não. Isso não é nome para guarda-chuva.
- CARECA : Eu também acho. Um guarda-chuva poderia se chamar ... Horácio!
- GUTO : É, Horácio é um bom nome para um guarda-chuva.
- PILY : Tá legal. E a Rosa, como é que ela se chamaria?
- NARA : Pra mim, rosa só pode se chamar Rosa.
- CARECA : Falou. Vamos começar então.
- PILY : Era uma vez um guarda-chuva chamado Horácio da Costa Pereira e uma rosa de nome Rosa de Bulhões. Os dois viviam na mesma casa, mas não se conheciam. Rosa nunca deixava o seu vaso, e Horácio ficava esquecido atrás de uma porta, porque o seu dono não se servia dele quando chovia. Isso porque Horácio era alérgico à água da chuva. Mal apanhava os primeiros pingos, ele se botava a espirrar que não parava mais. Na primeira vez que ele apanhou chuva, pegou uma gripe tão forte, que acabou contagiando o seu dono.
- NARA : O dono chegou a experimentar outras vezes sair na chuva com Horácio, mas de nada adiantou. Horácio continuava a espirrar como um doido.
- PILY : Vocês bem podem imaginar o sofrimento de Horácio. Imaginem só: um guarda-chuva que não pode apanhar nem uma garoazinha. Horácio se sentia um inútil, um fracassado. E a situação piourou quando seu dono decidiu não mais sair com ele.
- DONO : Horácio, sinto muito. Eu gosto muito de você, mas você compreende, eu preciso de uma guarda-chuva que funcione. Você é muito bonito, com sua capa de seda e tudo o mais, mas não funciona como proteção para a chuva. E acaba me passando a sua gripe também. Me desculpe, Horácio, eu sei que essa decisão vai magoá-lo muito, mas infelizmente, eu não posso fazer nada. Vou ter de dispensá-lo.
- GUTO : E Horácio terminou sendo esquecido num vão de porta. Um dia, Horácio não resistiu ao impulso de sair de novo na chuva. Embarcou numa corrente de ar, e saiu a voar pelos ventos. Mas logo em seguida os espirros começaram. Horácio perdeu o controle e se despencou no chão. Se levantou todo dolorido, e se arrastou tristemente até o seu vão de porta.
- CARECA : E Horácio curtiu solidão por algum tempo. E a solidão fez com que um dia ele aproveitasse que a casa estivesse vazia, pra procurar um amigo com quem pudesse conversar e desabafar. Tentou primeiro com uma cadeira...
- NARA : Tentou depois com um par de sapatos.



PILY : Horácio já ia desistindo de encontrar amigos, quando entrou na sala de jantar e reparou em Rosa pela primeira vez.

HORÁCIO : Olá.

ROSA : Olá.

HORÁCIO : Como é o seu nome?

ROSA : Eu me chamo Rosa e você?

HORÁCIO : Meu nome é Horácio da Costa Pereira.

ROSA : Puxa, com esse nome todo, você deve ser uma figura muito importante.

HORÁCIO : Aí é que você se ebgá, digo, engana. Eu sou um pobre coitado sem eira nem beira. Vivo escondido atrás da porta e nunca saio pra rua.

ROSA : Nunca sai pra rua? Nem em dias de chuva?

HORÁCIO : Principalmente em dias de chuva. É que eu sou muito suscetível a resfriados. Issa pra um guarda-chuva é uma coisa terrível. Fez com que o meu dono me abandonasse e me atirasse a um canto.

ROSA : É mesmo. A sua situação é bem complicada. Mas não é pior do que a minha.

HORÁCIO : Não me conte. Qual é o seu problema?

ROSA : É que eu sou de plástico. Saí da loja pra esse vaso e nunca mais puz o pé fora de casa. E o meu maior sonho era ser uma rosa de verdade, viver num jardim, plantada na terra fofinha, receber no meu rosto o sol, a brisa, a visita das abelhas e dos beija-flores... E principalmente o orvalho! Sentir de noite a carícia do orvalho e acordar de manhã, digo, manhãzinha coberta de gotinhas, como uma jóia brilhando... E em vez disso estou aqui, seca e solitária, confinada a este vaso!

HORÁCIO : Mas por que você não sai pra rua? Não vai viver no jardim com as outras flores?

ROSA : Elas jamais me aceitariam. Eu não tenho nem perfume...

HORÁCIO : Mas isso não é problema. Há muitas flores que não têm perfume. A D.Orquídea é uma, com toda a sua pose. Você não tem perfume, não é natural, mas pode desenvolver outras qualidades. Por que é que você não experimenta sair daqui e tentar a sorte lá fora?

ROSA : Você acha que seria possível?

HORÁCIO : Tenho certeza. Você precisa ter mais confiança em você mesma.

ROSA : Isso é. E eu digo o mesmo pra você!

HORÁCIO : Vamos então fugir juntos e nofsavem, digo, nos aventurarmos por aí.

ROSA : Vamos. Mas... e se chover?



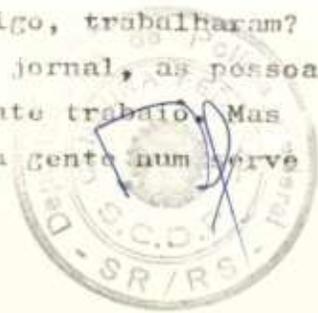
- HORÁCIO** : Ah, eu me escondo numa torre de igreja, num oco de árvore, sempre se dá um jeito. Sempre se dá um jeito!
- ROSA** : Então vamos! Mas... eu não sei voar. Você é um guarda-geh, digo, guarda-chuva, pode planar no vento. Mas eu sou uma flor de plásc, digo, plástico, dura e pesada-.
- HORACIO** : Não tem problema. Suba na minha garupa, e vamos tomar o primeiro pé de ar que passar!
- PILY** : E assim Horácio e Rosa saíram voando pelo céu daquela tarde ensolarada. Voaram, voaram durante muito tempo por sobre a cidade. Mas a tarde ensolarada se transformou aos poucos, digo, poucos numa noite escura, cheia de nuvens pesadas. Até que desabou um temporal e os dois foram obrigados a procurar um refúgio para que Horácio não se resfriasse. E o abrigo que encontraram foi embaixo de uma velha ponte que cruzava um riacho fundo e poluído.
- ROSA** : Nossa, que lugar horrível!
- HORÁCIO** : É mesmo. Veja quanto lixo espalhado pelo chão!
- ROSA** : Uma lâmpada queimada...
- HORÁCIO** : Um brinquedo estragado...
- ROSA** : Olhe! Um violão todo arreventado.
- HORÁCIO** : Estes estão numa situação pior do que a nossa.
- ROSA** : É mesmo. É triste o destino dos objetos que não servem mais pra nada e são jogados fora.
- HORÁCIO** : Rosa, você não estava, digo está ouvindo um som...
- ROSA** : É... parece... (ri) um sambinha...
- HORÁCIO** : Espie só! É uma porção de folhas de jornal velho!
- BELELEU** : Pera aí, pera aí, pera aí, gente! Como é que nós vamos representar essas folhas de jornal?
- GUTO** : Ué! Com folhas de jornal. A gente amassa elas assim, quer ver? Rasga um pouco nos cantos, e pronto!
- BELELEU** : Ah, mais que coisa chóin!
- CARECA** : Meio sem graça, né? Assim, três folhas de jornal todas iguais!
- NARA** : Quem sabe se o Peninha desenhasse umas carinhas nestas folhas? Ficaria mais engraçado.
- GUTO** : Boa idéia. Peninha, vem cá.
- PILY** : Pena, faz umas carinhas aqui pra nós nestas folhas de jornal.
- CARECA** : E já que vivem embaixo de uma ponte e ainda por cima fazem samba, tem que ter umas caras assim de malandro...
- NARA** : Vamos botar nome neles. Esse aqui é o Colodomiro Polô, pros íntimos. Fica com o Luiz.
- PILY** : E essa é a Maricota Pelanca.
- CARECA** : E esse é o Dorvalino Boca de Bagre.



- ROSA : Eu não sei, eu acho que mesmo um jornal velho tem serventia pra alguma coisa: embruiá pacotes, quer dizer, embrulhar pacotes e... outras coisinhas mais.
- CARECA : Mas terminam sempre jogando a gente no lixo. E eu perfiro morá debaixo de uma ponte do que numa lixeira. Pelo menos aqui eu tô mais solto, posso avoá na garupa do vento e não perciso dá sastifação pra ninguém.
- HORÁCIO : Mas mesmo assim, vocês não correm o perigo de serem recolhidos pelos lixeiros da Prefeitura?
- MARICOTA : Ai, esse é que é o nosso grilo! E aliláís, tá na hora do lixeiro passa. Ô Colô, dá uma bisoiada aí na rua.
- DORVALINO : Tem um lixeiro que passa qui a essahora, digo, que sempre passa aqui a essa hora, e se vê foia de jornal véio, ele arrecolhe tudo e joga na lixeira.
- ROSA : Nossa! Que perigo! E como é que vocês fazem pra não serem pegos?
- MARICOTA : Nóis se acoca atrás daquelas pedra e espera ele passá.
- COLÔ : Corre, se esconde, macacada! O lixeiro vem vindo!
- ROSA : E agora, o que é que a gente faz? Se o lixeiro nos pegar aqui, é capaz de nos recolher também!
- HORÁCIO : Vamos nos esconder ali atrás. (Entra o lixeiro.) Ai, meu Deus, acho que vou espirrar.
- ROSA : Horácio, pelo amor de Deus, veja se consegue se segurar. Se não nós estamos perdidos!
- HORÁCIO : Acho que não vou conseguir. (Espirra)
- LIXEIRO : O que foi isso? Aqui tem coisa! (Horácio espirra de novo. O lixeiro encontra as folhas.) Ah, seus vagabundos, desocupados! Tentando escapar, hein? Pois vocês vão ver o que é bom. Vão todos parar na minha lixeira!
- ROSA : Nossa mãe! Ele vai agarrar as pobres folhas! Precisamos fazer alguma coisa! Não podemos deixar que eles sejam pegos!
- HORÁCIO : Tenho uma idéia. Chame o lixeiro, e tente distraí-lo, que eu tenho um plano. Rápido, antes que seja tarde de mais!
- ROSA : Seu lixeiro, uh, uh!
- LIXEIRO : O que é isso? Uma flor artificial? Vou apanhá-la para dar de presente à minha mulher. Ela vai adorar! (Horácio bate na cabeça do lixeiro, e este cai desacordado.) Vamos aproveitar e fugir daqui antes que ele acorde!
- ROSA : Mas nós não podemos deixar as folhas assim todas amassadas. Elas vão ficar pesadas e não vão poder voar.
- HORÁCIO : Vamos desamassá-las então.



- BELELEU : Ah, agora sim ficou legal.
- CARECA : Então vamos continuar a estória. Beleléu, larga um sambinha!
(As folhas fazem uma batucada)
- HORÁCIO : Puxa! Vocês são bons mesmo na batucada.
- MARICOTA : É, nós semo uma tchura da pesada, digo, tchurma da pesada! E ocêis? Calê que é a de ocêis?
- ROSA : Meu nome é Rosa. E este aqui é o meu amigo Horácio. Nós fugimos de casa, fomos surpreendidos pela tempestade e viemos nos abrigar aqui embaixo da ponte.
- DORVALINO : Pois nós moremo aqui e num tamo a fim de dividir o nosso chatô com ninguém. Já tá muito apertado pra nós treis.
- COLÔ : Ti acarma, Dorvalino. Num vê que os dois tão precisando de uma forcinha? A gente se apertemo um pouco e dá lugar pra todo o mundo.
- DORVALINO : Mas nós já temo mais apertado do que sardinha em lata!
- COLÔ : É só enquanto o temporá num passá! Vamo lá, Dorvalino, seja bão pros companhero!
- DORVALINA : Tá legal. Mas só até pará de chovê.
- COLÔ : Mas , me diga uma cousa, por que é que ocêis fugiro de casa? A barra tão, tigo, tava muito pesada lá, é?
- ROSA : É uma estória muito comprida. Mas a verdade é que a gente tava se sentindo assim meio inútil, sem serventia pra nada.
- HORÁCIO : Então a gente resolveu sair pelo mundo para descobrir uma ocupação, uma utilidade pra gente.
- CARECA : Qué dizê que ocêis tão a fim memo é de trabalhá?
- ROSA : Mais ou menos, só pra a gente não ficar assim sem sentido na vida...
- PILY : Mas s senhora, que é ansim tão fremosa, toda cororida, devia era tá enfeitando a casa de madama rica e num vi a-trapaiá a vida da gente!
- ROSA : Era isso que eu fazia mesmo. Mas não estava satisfeita. Era uma vida muito fútil e solitária!
- HORÁCIO : E será que vocês não nos ajudariam a encontrar um trabalho, uma profissão que a gente pudesse aprender?
- COLÔ : Acuntece é que pra nós, trabalhá num tá com nada! Nós gostemo memo é de sê vagal.
- HORÁCIO : Quer dizer que vocês nunca trabalharam, digo, trabalharam?
- COLÔ : Bom, num é bem ansim tomém. Ocê sabe que jornal, as pessoa só lê no dia que ele sai. Nesse dia a gente trabalha. Mas adespois eles joga a gente no lixo e aí a gente num serve mais pra nada.



HORÁCIO : Pronto. E tratem de dar o fora daqui o mais rápido possível.

ROSA : Vamos aproveitar esse pé de vento e dar no pé.

PILY : É. Os nossos amigos escaparam numa boa. Embarcaram no vento e voaram para longe dali. Mas eis que de repente, o vento foi diminuindo até que o ar ficou completamente parado. Horácio foi descendo devagarinho como um para-quedas, até aterrissar suavemente.

ROSA : Cruzes! Tive medo que a gente se esborrachasse no chão! Mas... que lugar será esse?

HORÁCIO : Olhe! Tem um cartaz ali naquela pard, digo, parede. (Lê) Atenção!!! Grande Concurso de Calouros somente para Objetos. Se você não é gente, nem planta, nem bicho, e sabe tocar, cantar ou declamar, está apto a concorrer e ganhar prêmios fabulosos! (Para Rosa) Olha aí, ó, quem sabe se essa não é a nossa grande oportunidade?

ROSA : Mas eu não sei cantar!

HORÁCIO : Eu também não, mas não custa tentar. Vamos na cara e na coragem. Não temos nada a perder. Vamos?

ROSA : Se você acha que pode dar resultado, vamos lá.

HORÁCIO : Eu tenho certeza.

APRESENTADOR : Atenção, muita atenção! Vamos dar início a mais um concurso de calouros. Os primeiros colocados receberão os seguintes prêmios:

- 1) Uma viagem de ida e volta a Sapaucaia do Sul
- 2) Uma dúzia de garrafas de refrigerantes vazias.
- 3) 50 centavos em dinheiro

Vamos chamar agora o 1º candidato: um balão de borracha - Muito bem, como é seu nome?

OCRIDES : Ócrides Marimbondo da Sirva.

APRESENTADOR: Muito prazer, seu marimbondo! O que é que o sr. sabe fazer?

OCRIDES :Eu se decramá poésia.

APRESENTADOR : E que poésia o sr. vai decramá?

OCRIDES : Eu vou decramá, de Casemiro de Abreu: Batata. "Batatinha, quando nasce, se esparrama pelo chão... (esquece)

APRESENTADOR : Sinto muito, seu Marimbondo, mas a sua memória está meio fraca. O sr. deveria tomar mais fosfato. Seu Marimbondo, muito obrigado, e passe bem. E agora, vamos ao próximo candidato: uma pluma chamada Cassiopéia Regina. Bom dia, D.Cassiopéia, a sr.a se sente moça ou se sente véia? A sra. vai cantar o quê?



CASSIOPÉIA : Alguém pôs a rodar.

APRESENTADOR : Oquê?

CASSIOPÉIA : Alguéj, digo, alguém pôs a rodar.

APRESENTADOR : Então roda, roda, roda! (Cassiopéia desafina) Sinto muito, D. Cassiopéia, mas a sra. me deixou surdo deste ouvido. Mas não desista D. Cassiopéia. Voite sempre.

ROSA : Dá licença, moço, a gente queria tentar também.

HORÁCIO : É. Nós formamos um dueto.

APRESENTADOR : Mas vocês não estão inscritos. E é contra o regulamento. Tem que se inscrever antes.

HORÁCIO : Mas moço, nós estamos precisando tanto de uma oportunidade! O sr. não podia nos dar uma forcinha?

APRESENTADOR : Está bem. Vou abrir uma exceção para vocês. O que é que vão cantar?

HORÁCIO : Nós vamos cantar um rock da pesada.

APRESENTADOR : Vamos lá, então. Toquem ficha! (Os dois abrem a boca e soa a buzina) Nada feito! Nunca vi ninguéj, digo, ninguém cantar tão mal.

ROSA : Mas nós nem chegamos a dar uma nota?

APRESENTADOR : Ora, não precisa nem abrir a boca pra ver que vocês não são de nada. Caiam fora! E agora, o próximo candidato. Uma frigideira sambista!

HORÁCIO : Acho que não adianta mesmo. Nós somos uns fracassados.

ROSA : A gente não deve desanimar, Horácio. Alguma coisa tem que dar certo! Vamos descansar e amanhã a gente sai na batalha de novo!

HORÁCIO : É, acho que você tem razão. Boa noite, Rosa.

ROSA : Boa noite, Horácio. (Adormecem)

NARA : Ai, gente, eu sinto muito mas vou ter que interromper! Eu não sei como continuar a estória!

GUTO : É. deu um nó na cuca da gente. A Rosa e o Horácio já passaram por tanta coisa e não encontraram ainda uma solução pro problema deles.

CARECA : Pois eu sugiro que eles tenham um sonho, e neste sonho, eles descubram a solução que estão buscando.

BELELEÚ : É uma solução meio fácio, né, Careca? Você acha que daria certo?

CARECA : Ora, não custa experimentar. Se não funcionar, a gente inventa uma outra coisa.

PILY : Vamos lá, então. Horácio e Rosa estão dormindo. Não é, e começam a sonhar. (Música de sonho. Horácio e Rosa levantam e flutuam até encontrar o Grande Guarda-Chuva e a Rosa Magnífica.)



HORÁCIO : Puxa! Mas que guarda-chuva enorme!

ROSA : E que rosa magnífica!

HORÁCIO : Eles devem ser muito importantes e poderosos. Quem sabe se eles podem nos ajudar? Vamos falar com eles?

ROSA : Vai então você na frente.

HORÁCIO : Eu tenho medo... Eles são tão imponentes! Vai você primeiro.

ROSA : Eu também estou morrendo de medo...

HORÁCIO : Então vamos os dois juntos.

ROSA : Tá bem. Me dá a mão, Horácio.

HORÁCIO : Bom dia, seu Guarda-chuva. Bom dia, D.Rosa. Nós estávamos admirando os senhores de longe.

GRANDE GUARDA-CHUVA : Quem são vocês?

HORÁCIO : Eu sou Horácio. Sou um guarda-chuva também. E essa aqui é a minha amiga Rosa de Bulhões.

ROSA : Muito prazer !

CARECA : Eu sou o Grande Guarda-chuva, o rei de todos os guarda-chuvas do mundo.

ROSA MAGNÍFICA : E eu sou a Rosa Magnífica, soberana de todas as rosas do universo.

HORÁCIO : Puxa, majestades, perdoem a nossa ignorância! Nós não sabemos que os guarda-chuvas e rosas tinham reis.

G.GUARDA-CHUVA : E o que é que vocês desejam?

ROSA : Nós temos um problema muito sério pra resolver. E vossas majestades quem sabe, poderiam nos ajudar?

G.GUARDA-CHUVA : Qual é o problema de vocês?

HORÁCIO : Acontece que eu não posso sair na chuva, que eu me resfrio sempre, e por isso, o meu dono me abandonou num canto. Será que V.Majestade não poderia me curar dessa minha doença para que eu pudesse sair na chuva como todos os guarda-chuvas?

ROSA MAGNÍFICA : E você, menina, o que é que a aflige?

ROSA : É que eu sou de plástico e vivia muito solitária no meu vaso. Meu ideal era ser uma rosa de verdade e viver nos jardins como as outras flores.

G.GUARDA-CHUVA : Nós teríamos poder para curar você, Horácio, e para transformar sua amiga numa rosa de verdade. Mas acontece que nós só existimos no sonho de vocês. E quando vocês acordarem, vocês vão voltar a ser como antes.

ROSA MAGNÍFICA : Nos sonhos, todos os problemas podem se resolver. Mas quando vocês acordarem, verão que nada terá mudado. Portanto, não adianta sonhar. Despertem e enfrentem a realidade de vocês cara a cara. Só assim vocês vão poder encontrar um caminho. E agora, adeus. Vamos retornar ao nosso sono eterno.



HORÁCIO : Puxa, Rosa! Eles têm razão. Somos nós que temos que resolver os nossos problemas. Sonhar não adianta.

ROSA : É. Acho que sim. Vamos acordar e continuar a nossa procura.

CARECA : Assim, os nossos amigos acordaram e ficaram muito espantados quando constataram que haviam tido o mesmo sonho. Mas isso o deixou mais confiantes e eles resolveram seguir viagem. Voaram durante algum tempo e aterrissaram numa praça onde estava montado um grande circo.

ROSA : Olha só que circo bonito! Você não quer assistir a função?

HORÁCIO : Vamos. Pelo menos a gente se distraí um pouco. (Vão à bilheteria) Duas entradas, por favor.

BILHETEIRO : Sinto muito, mas a função de hoje foi cancelada.

ROSA : Ué, por quê?

BILHETEIRO : Porque a nossa atração principal, a maior equilibrista do mundo, perdeu a sua sombrinha. E sem sombrinha ela não consegue se equilibrar no arame.

HORÁCIO : Mas por que é que ela não compra uma outra sombrinha?

BILHETEIRO : Por que hoje é domingo e todas as lojas estão fechadas.

ROSA : Horácio, olha aí! Essa é a sua grande oportunidade! Vamos procurar esse equilibrista e pedir esse emprego pra você.

HORÁCIO : Você acha que eu posso?

ROSA : Claro! Você não pode perder esta chance! Moço, onde é que está essa equilibrista?

BILHETEIRO : Ali sentada. A coitada está inconsolável!

ROSA : Vamos lá, então, Horácio. Oi, D.Equilibrista, D.Equilibrista!

EQUILIBRISTA : Me deixem em paz! Eu quero ficar sozinha! Eu estou desesperada!

ROSA : Mas não há razão pra tanto desespero.

EQUILIBRISTA : Como, bão, digo, não há razão? O público vai ficar furioso porque a função de hoje foi cancelada e nunca mais vai querer me ver de novo! A minha carreira está arruinada para sempre!

ROSA : Nada disso! A sra. perdeu a sua sombrinha, mas eu tenho um amigo guarda-chuva que está precisando de emprego e gostaria de trabalhar com a sra.

EQUILIBRISTA : O que foi que você disse? Você tem um amigo guarda-chuva?



ROSA : Sim. Aqui está ele. Chama-se Horácio da Costa Pereira.

EQUILIBRISTA : Mas isso é uma maravilha! Estou salva, graças a vocês! Estou salva! Horácio, você caiu do céu. Está empregado a partir desse momento. Vou correndo anunciar nos auto-falantes que hoje tem espetáculo, tem sim senhor!

ROSA : Que bom, Horácio. Agora você encontrou um significado pra sua vida. Não vai mais se sentir inútil. Vai trabalhar, divertir as pessoas, fazê-las felizes.

HORÁCIO : Eu mal consigo acreditar! Mas Rosa, e você, o que é que você vai fazer?

ROSA : Eu acho que eu vou voltar pra casa, pro meu vaso. Eu só gostaria que você fosse me visitar de vez em quando, pra eu não me sentir tão sozinha.

HORÁCIO : Não, Rosa, você não vai voltar pro seu vaso, Eu vou dar um jeito nisso. Espera um pouco. Ei, D. Equilibrista!

EQUILIBRISTA : Pronto?

HORÁCIO : (Cochicha no seu ouvido) Rosa, a D. Equilibrista quer falar com você.

EQUILIBRISTA : Rosa, eu estava pensando, eu acho que o meu número ficaria mais bonito se eu usasse uma flor no cabelo. E se você quisesse, você poderia ser essa flor. Você gostaria de trabalhar comigo e com o seu amigo Horácio no meu circo?

ROSA : É claro que sim! Trabalhar, ser útil, é tudo o que eu mais quero na vida!

EQUILIBRISTA : Ótimo. Então se apressem, que o espetáculo começa daqui a pouco. (Sai)

HORÁCIO : Rosa.

ROSA : Horácio.

HORÁCIO : Você viu como tudo se arranjou?

ROSA : É O Grande Guarda-Chuva e a Rosa Magnífica é que estavam certos. A gente tem é que enfrentar a realidade, e lutar pelas coisas que deseja.

CARECA : E assim, Horácio da Costa Pereira e Rosa de Bulhões, hoje, artistas de circo, aprenderam uma grande lição: que ninguém é inútil. Que todos os seres são importantes, e que cada um pode encontrar o seu caminho. Basta querer.

